
A comédia brasileira: um olhar sobre os filmes “Os Normais” e “Minha Mãe é Uma Peça”¹

Gabriel de Medeiros Guilherme²

Karen Vieira Ramos³

Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia, BA

RESUMO

O humor no cinema nacional é uma categoria que, assim como os outros gêneros de produções brasileiras, carrega elementos do repertório cultural muito fortes, servindo para representar e definir o humor do povo brasileiro. Apesar das mudanças técnicas e em sua execução, algumas tendências continuam a funcionar até os dias atuais, e por isso, serão observadas e apontadas neste artigo. Para isso, serão analisadas duas obras cinematográficas de comédia brasileiras: Os Normais - O Filme (2003) e Minha Mãe é Uma Peça (2013). A escolha desses filmes foi feita baseada no modo em que cada um deles retrata cada um dos dois extremos da comédia brasileira que serão analisados neste trabalho: a comédia mais ácida - na qual os personagens são pessoas completamente fora do politicamente correto - e a comédia de “família desajustada”. Essas ideias serão refletidas no decorrer do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: comédia brasileira; cinema brasileiro; humor; audiovisual.

Introdução

Esse artigo foi realizado a partir de um seminário apresentado para a disciplina “Temas Selecionados em Cinema Brasileiro”, do curso de Comunicação Social - Rádio e Televisão⁴. Tem por objetivo analisar e discorrer sobre o humor brasileiro em obras audiovisuais, em especial, as cinematográficas. A proposta deste texto surgiu por meio de uma pesquisa exploratória - permitindo a aproximação do discente com o objeto - com o estudo panorâmico da história do cinema nacional e a observação de diferentes gêneros cinematográficos em filmes brasileiros propostos pela professora orientadora.

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduando do Curso de Comunicação Social - Rádio e Televisão da UESC, e-mail: gmguilherme.cos@uesc.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora Assistente do Curso de Comunicação Social - Rádio e Televisão da UESC. E-mail: kvramos@uesc.br.

⁴ O seminário ocorreu no primeiro semestre de 2022 e partiu da necessidade de abordar aspectos específicos do cinema brasileiro por estudantes da graduação. Foi demandado que cada equipe formada por discentes refletisse sobre alguma instância que despertasse o interesse dos mesmos, a partir da observação de filmes nacionais.

Para efetuar a análise dos filmes, assim como Luíza Alvim (2020) entendemos que não há como padronizar um método analítico que dê conta da pluralidade de objetos:

Ou seja, os métodos vão se adaptando ao tipo de objeto, ao filme em particular e àquilo que é buscado numa análise específica (por exemplo, ao se analisar música num filme). Deste modo, consideramos que dizer apenas “análise filmica” quanto à metodologia é bastante inespecífico, sendo necessário ir além e explicar mais detalhadamente o quê e como exatamente se busca, embora reconheçamos que, dentro de espaços frequentemente exíguos para esse detalhamento em artigos, possa-se lançar mão do termo guarda-chuva (ALVIM, 2020, p. 3)

Partimos de pressupostos propostos por Vanoye (2009), quando afirma que há algo que precede a atividade analisante - marcada pelas fases de descrição e de interpretação - que são as primeiras impressões que o filme pode gerar no espectador. Tal qual este pesquisador, partimos da ideia de que a primeira visão dos filmes nos fornece uma profusão de sensações que podem conduzir a análise, desde que estejamos dispostos a possuir uma postura analítica diante das obras. Conforme Vanoye (2009, p 13), observar “como o filme conseguiu produzir em mim este ou aquele efeito?”, “como o filme me conduziu a simpatizar com determinado personagem?” ou “como o filme gerou determinada ideia, determinada emoção, determinada associação em mim?” pode integrar os primeiros movimentos da atitude analisante. E foi na observação e vivência compactuada pelos autores deste artigo que as primeiras pistas para a análise acerca dos filmes “Os Normais” e “Minha Mãe é Uma Peça” foram identificadas.

Desta forma, primordialmente, observamos a importância em compreender as diferenças e qualidades da comédia brasileira em comparação a outras obras do mesmo gênero, tendo em vista que grande parte do preconceito dos próprios brasileiros em relação ao cinema nacional é referente a produtos de comédia ou com o humor como um dos elementos principais. Sendo assim, neste artigo foram criados paralelos entre produções brasileiras e algumas obras americanas bem aceitas no Brasil. Com essa premissa, foram analisados os filmes já citados, com a intenção de trazer semelhanças e diferenças entre os estilos de humor que cada um apresenta, com o intuito de abranger grande parte dos estilos de humor que se destacam no cinema brasileiro, mostrando, assim, as particularidades que tornam a comédia no audiovisual brasileiro algo único e que merece ser estudado e discutido.

Uma visão geral a respeito da comédia brasileira

Em qualquer mídia, a comédia sempre foi um gênero presente e aclamado pelo público brasileiro, possivelmente por uma questão cultural. Seja em filmes, seriados, minisséries ou até mesmo programas de esquetes e afins, o humor sempre tem um lugar de destaque nos produtos nacionais: se não for individualmente, também se encontra muito presente em outras obras, como novelas, que costumam ter personagens ou algumas cenas a cada episódio dedicados apenas ao humor.

No cinema nacional, a comédia teve grande aceitação popular, desde as revistas cinematográficas do início do século 20, passando pelas comédias carnavalescas da Cinédia nos anos 30, as pornochanchadas dos anos 1970 até os grandes sucessos de bilheteria atuais (VASCONCELOS, 2012, p. 8).

Tendo isso em vista, devido à desvalorização da comédia brasileira nos ambientes acadêmicos e intelectuais, apresentamos neste artigo um breve estudo da linguagem da comédia brasileira e suas particularidades.

A comédia é um gênero associado ao entretenimento, se valendo de um conteúdo fácil de digerir, que pode divertir e levar ao riso. Por isso, apesar de existirem produtos que almejam um estilo de humor inteligente, no Brasil, o modelo mais comum é um humor simples e, portanto, de mais fácil acesso; e por esse motivo, sempre existiu um grande preconceito vindo da elite intelectual, como apontado por Anna Beatriz Lisbôa de Vasconcelos na citação abaixo.

o gênero, historicamente associado ao divertimento das classes populares, nunca teve aceitação da crítica e da elite intelectual. À época das chanchadas, críticos de periódicos cariocas como Pedro Lima, Fred Lee e Moniz Vianna desancavam as comédias musicais. O último, conhecido pelo estilo venenoso, ao escrever sobre *É com Este que Eu Vou* (1948), de José Carlos Burle, não mediu palavras. “Isto que está aí – e se diz filme – está para o cinema como a pornografia para a literatura. E uma pornografia muito pouco espirituosa” (apud AUGUSTO, 1993: 20). O exemplo reflete a má vontade da elite intelectual em relação ao gênero que, ao longo da história do cinema nacional, conseguiu levar o público para as salas de cinema e produziu astros e estrelas que tiveram impacto na cultura popular, como Oscarito, Grande Otelo, Zé Trindade, Mazzaropi, Zezé Macedo, Dercy Gonçalves, entre outros. Estúdios especializados em comédias como a Cinédia e a Atlântida foram pioneiros na tentativa de implantar a indústria cinematográfica no Brasil (VASCONCELOS, 2012, p.8).

A citação acima é um exemplo claro do comportamento da elite intelectual em relação a esse estilo de humor, ignorando completamente o impacto cultural e social

positivos que esse gênero representa, além de ser um modelo de entretenimento mais democrático, tendo em vista que é feito para ser facilmente digerido e diversas vezes conta com personagens e situações que fazem pessoas de várias realidades diferentes se sentirem representadas usando o humor como meio de identificação. Porém, apesar de haver ainda grande preconceito, principalmente em meios acadêmicos, em relação às obras brasileiras de comédia, a situação foi atenuada se compararmos a outra época, conforme aponta Moraes (2017).

Sem dúvidas, o sucesso das comédias atuais se dá mediante ao financiamento (tanto da iniciativa pública quanto da privada), a distribuição (exigida nas leis de incentivo) e a divulgação, que no caso da Globo Filmes é feito pela empresa. No caso da Atlântida, a companhia contava com o apoio do circuito Severiano Ribeiro de salas de cinema. “A pornochanchada, anos depois, fazia um arremedo de indústria que funcionava no circuito de salas populares do centro de São Paulo e expandia-se para outros circuitos pelo país” (ARTHUSO, 2013). Se antes, a crítica desprezava as chanchadas por seu baixo orçamento e rusticidade de produção, as comédias contemporâneas são produzidas com altos orçamentos e contam com profissionais qualificados da emissora de Roberto Marinho. (MORAES, 2017, p.14)

Assim, os investimentos feitos em relação ao gênero representam um grande avanço para a comédia no Brasil: nos dias atuais, além de extremamente relevante e aceita pelo público, as comédias brasileiras também contam com grande disponibilidade de recursos para que sejam feitos produtos de maior qualidade. Passando pela contextualização do motivo da importância de se analisar a comédia brasileira, e dando um salto temporal, definimos a comédia brasileira, citando alguns exemplos de comédia relevantes dos últimos 20 anos, que são usadas para representar uma ideia de comédia atual. “Os Normais” (2001), de José Alvarenga Jr, é uma das primeiras obras de comédia nesse espaço de tempo, sendo a série que deu origem ao filme de mesmo nome que será analisado neste artigo. Além disso, nesse mesmo período surgiram diversas séries de comédia que hoje em dia são consideradas grandes marcos do humor nacional na televisão, como Sai de Baixo (1996), de Daniel Filho e Luis Gustavo, A Grande Família (2001), de Cláudio Paiva, Toma Lá, Dá Cá (2007), de Maria Carmem Barbosa e Miguel Falabella, A Diarista (2004), dirigido por José Alvarenga Júnior e Tapas e Beijos (2011), de Cláudio Paiva.

Algumas características em comum marcam essas obras a respeito do método de comédia utilizado. Para o contexto deste artigo serão considerados o “humor henfiliano” apontado por Maria da Conceição Francisca Pires e um modelo de *sitcom* focada na vida familiar, aperfeiçoado por A Grande Família (2001), que foi analisado por Daysi Lange Albeche. Dentre produtos destacados neste artigo, alguns utilizam um ou outro método e outras obras se utilizam de ambos.

Henfil levou às últimas instâncias o desafio de produzir um humor político e engajado, cujo caráter polifônico – em que as diferentes vozes que habitam os espaços políticos são colocadas à mostra e se escutam – lhe assegurou um confronto dialógico com outras formas de percepção da realidade. Um dos aspectos fundamentais para a sobrevivência desse tipo de humor foi, acima de tudo, a capacidade de refletir, ainda que de forma codificada, sobre as próprias misérias [...] Outra característica importante no humor henfiliano foi o recurso a procedimentos próprios daquilo que Bakhtin (1996) definiu como “realismo grotesco”, em que prevalece o exagero, o rebaixamento e a degradação, seja por manifestações gestuais (tirar meleca do nariz ou fazer gestos obscenos) ou quebra das convenções verbais (utilização de palavrões, palavrado grosseiro, injúrias e imprecações (PIRES, 2014, p.473).

Nessa citação, é explicada a ideia de humor henfiliano. Essa classificação representa bem o princípio que é usado em parte das séries citadas e dos filmes analisados neste artigo, na qual os personagens são colocados em situações exageradas, onde são, de certa forma, humilhados, tanto por seu contexto quanto por suas ações.

A grande família é um *sitcom*, no momento protagonizado por Marco Nanini no papel de Lineu; Marieta Severo, no de Nenê; Guta Stresser, no de Bebel; Pedro Cardoso, no de Agostinho; Lucio Mauro Filho, no de Tuco; Andréa Beltrão, no de Marilda; Leandra Leal, no de Viviane; Tônico Pereira, no de Mendonça; e Marcos Oliveira, no de Beizola. O formato propõe-se a apresentar, segundo a própria emissora, em tom de humor e leveza, os problemas que enfrentam as famílias brasileiras de classe média e de diferentes faixas etárias, que habitam os subúrbios das grandes metrópoles nacionais. A grande família para atrair o público telespectador tem adaptado para a ficção televisiva temas e fenômenos que habitam a vida da família classe média em suas práticas diárias, seus modos de produção, suas normas e valores, seus traços culturais e tradicionais. (ALBECHE, p. 1-2, 2004)

O termo *sitcom*, ou comédia de situação, representa um sub gênero de comédia focado, como o nome sugere, em situações cotidianas. Mesmo não sendo uma regra, é muito comum que nesse estilo de comédia, as obras sejam orientadas pela vivência de uma ou mais famílias (ou um grupo central), sendo esse aspecto das *sitcoms* que será considerado na classificação aqui adotada.

Apesar de muitas vezes comédias estrangeiras famosas seguirem algum desses modelos, a diferença cultural é notável, de modo que se perde muito dos elementos cômicos por não ser possível uma identificação dos brasileiros com muitas situações. Filmes de comédia famosos desse mesmo período, a exemplo de *Se Beber Não Case* (2009), *Ace Ventura* (1994), ou séries como *The Office* (2005), *Friends* (1994) e *How I Met Your Mother* (2005) - que são obras muito bem aceitas em todo o mundo e por isso são usadas como definição para a expressão “comédia estrangeira” - , representam muitos produtos que costumam chegar ao Brasil.

A princípio, levando em consideração que essas comédias que vêm de fora podem tratar também de pessoas “desajustadas” e retratar famílias, é preciso localizar em que momento essas comédias se separam e se tornam tão diferentes. Ao observar o tema, é possível concluir que a questão que mais diferencia as obras são os personagens, as situações que vivem e como reagem. Por exemplo, nas séries que retratam famílias, o modo que os integrantes dessas instâncias interagem sempre parece um pouco mais frio do que estamos acostumados, mesmo quando a família retratada tem a intenção de parecer mais próxima e unida⁵.

Nas obras brasileiras, é bem comum, em determinados estilos de humor, ver elencos completos de personagens extremamente instáveis e genuinamente ruins. Pessoas egoístas, que traem seus companheiros, que causam problemas a todo momento. São elementos recorrentes na comédia no Brasil⁶ e que possui forte apelo popular, até mesmo quando implementado em outras obras como um recurso “extra”, como é o caso de novelas e séries cujo gênero principal não é comédia, mas contém momentos de humor.

Em relação às situações que esses personagens vivem, detectamos histórias muito mais próximas da realidade brasileira, com os personagens lidando com elementos singulares do contexto do lugar. Por exemplo, produtos como *A Grande Família* (2001) e *A Diarista* (2004), que costumam retratar muito bem os esforços diários que são comuns ao brasileiro médio.

⁵ é importante lembrar sempre que são conclusões baseadas em um plano amplo e geral a respeito das obras, exceções sempre irão existir, já que o cinema está em constante evolução

⁶Muitas obras estrangeiras também criam personagens semelhantes em produtos de comédia, mas obviamente as diferenças culturais fazem com que não sejam exatamente iguais, pois lá eles seguem os padrões de seus países de origem, enquanto no Brasil os personagens seguem estereótipos de padrões brasileiros.

Já em relação às obras que retratam núcleos familiares, essas retratam famílias com características associadas à cultura brasileira, que convivem e interagem de acordo com a cultura nacional, que têm vários temas marcantes, como por exemplo a imagem da mãe, que na maioria das vezes segue um padrão semelhante, como em *Minha Mãe é Uma Peça*. Algo muito interessante de se pontuar em relação à recepção de obras de comédia estrangeiras no Brasil são as exceções, pois são exatamente os elementos que tornam possível perceber que existe um padrão no conteúdo de humor que o brasileiro comum pode preferir consumir, levando-se em conta as altas audiências destes produtos disponíveis na grade de programação de emissoras comerciais. Ótimos exemplos são os seriados *Todo Mundo Odeia o Chris* (2005) e *Eu, a Patroa e as Crianças* (2001) e o filme *As Branquelas* (2004). Todas são obras estrangeiras que têm uma recepção notável no Brasil. Não poderia ser por coincidência, já que todos esses produtos retratam uma cultura norte americana específica: todas são protagonizadas e têm o elenco majoritariamente formado por pessoas negras, retratando uma cultura que para os estadunidenses é mais específica, mas que países latinos, como o Brasil, existem diversas características com as quais é possível criar identificação com os personagens e nas situações que eles vivem, mesmo que não se utilize sempre um estilo de humor semelhante ao brasileiro.

Os Normais - O Filme

Os Normais - O Filme é um produto cinematográfico lançado em 2003, baseado na série de mesmo nome, que conta a história de como os protagonistas se conheceram, cerca de 5 anos antes dos eventos da série. Os autores da série e dos filmes são Fernanda Young e Alexandre Machado e os personagens Vani e Rui são interpretados por Fernanda Torres e Luiz Fernando Guimarães, respectivamente.

Figura 1 - “Os Normais - O Filme”

Fonte: TV Globo / Divulgação

Esse filme conta a história dos personagens a partir do momento em que cada um se casou, coincidentemente, no mesmo dia e na mesma igreja, um logo após o outro. A trama do filme é baseada na ideia de que o relacionamento dos dois com os seus respectivos parceiros é decadente e sem atração nenhuma, enquanto ambos vão descobrindo que têm uma dinâmica e atração física entre eles, apesar de seus defeitos de caráter. A valorização da forma maculada de como conviver com os outros pode ser entendida a partir do que o seguinte autor revela:

Comumente, o riso é causado pelos indivíduos que exibem algum tipo de defeito, deparam-se em situação de desvantagem ou passam por algum pequeno acidente. O sovina, o glutão e o bêbado são personagens cômicos, da mesma maneira que o indivíduo que leva uma torta na cara. As falhas também geram o riso: equívocos de estudantes, pronúncia errada e erros de gramática. Estes são exemplos bem claros, porém é plausível que o humor sutil seja um simples desenvolvimento disto e que o prazer implícito dentro do humor surja na percepção de superioridade sobre os indivíduos que fazem rir. Conforme este ponto de vista, todo humor trata de uma maneira da gozação (FILHO, 2013, p. 273).

A citação acima descreve o estilo de humor utilizado por este filme e sua série de origem, onde parte da comédia está em assistir essas personagens nas piores situações possíveis, reagindo das maneiras mais inadequadas, de modo que os espectadores, ao darem risada, estão de certa forma “tirando sarro” dos personagens por estarem naquele contexto. É possível ver essa técnica ser utilizada em obras estrangeiras, mas quando estes elementos são adicionados a um contexto brasileiro e com personagens sem caráter algum, egoístas, que falam absurdos inimagináveis e são até mesmo infelizes, podem fazer com que o telespectador acabe concluindo que eles “se

merecem”, chegando a um estilo de humor extremamente único e divertido, que funciona tão bem e que se tornou uma dinâmica extremamente comum em novelas que têm um tom mais descontraído, trazendo muitas vezes um conjunto de personagens que trazem esse mesmo estilo de comédia.

Minha Mãe é Uma Peça

Minha Mãe é Uma Peça, filme lançado em 2013, é o primeiro da trilogia de mesmo nome. O longa-metragem foi dirigido por André Pellenz e protagonizado por Paulo Gustavo, que atua como Dona Hermínia, uma mãe de dois filhos divorciada, enérgica e que tem o jeito da “clássica” mãe brasileira, carregando alguns estereótipos do que se configura como a típica mãe: nervosa, superprotetora, briguenta e sem filtro nenhum.

Figura 2 - “Minha Mãe é Uma Peça”



Fonte: Globo Filmes - Divulgação

Após ouvir acidentalmente os filhos a chamando de chata, a personagem resolve sair de casa por um tempo, sem nenhum aviso, se hospedando na casa de sua tia, que durante o filme cumpre o papel de conselheira para ambos os lados.

Dona Hermínia representa uma mulher que vive para os filhos, é dona de casa, num espaço que foi por muito tempo tido como o “verdadeiro” universo da mulher, onde cuidava da casa, da educação dos/as filhos/as e dos cuidados com o marido (ALMEIDA; QUADRADO, 2022, p.7).

Ou seja, ao início do filme, é retratada uma mãe que leva toda a responsabilidade da criação dos filhos e dedica sua vida apenas a isso, chegando ao ponto de sentir culpa quando decide tomar um tempo para si. Porém, ao fim do filme isso acaba sendo subvertido quando a Dona Hermínia conquista um trabalho como apresentadora de um programa de televisão, após demonstrar seu carisma em uma entrevista.

Dentre os dois estilos de humor citados anteriormente neste artigo, o filme em questão é o exemplo perfeito de um produto brasileiro que representa a comédia que retrata uma família brasileira. “Visto que os índices de audiência nas salas de cinema foram altos, possivelmente, de alguma forma, os diálogos e as cenas dos filmes sugerem as nossas formas de ser e de viver”(ALMEIDA; QUADRADO, 2018, p.22). Essa citação reforça a ideia de que o estilo de humor que representa a família tem um grande apelo na identificação. Dentre todos os elementos que podem mudar em obras com esse estilo de humor, o mais consistente e que persiste na maioria das obras é a imagem da mãe, que nesse filme é, além disso, a personagem principal.

No filme também são adotados padrões comuns nesse estilo de comédia, tanto nos outros personagens, como os filhos, que muitas vezes cumprem o estereótipo de serem os “filhos rebeldes” que estão passando pela adolescência e o pai, que cumpre o estereótipo de pai que se separou da mãe e tenta parecer divertido e moderno para os filhos, ou as próprias situações, como a cena em que a Dona Hermínia vai atrás de sua filha em uma festa ou quase flagra os filhos e seus amigos fumando no quarto. Além de colocar a família para interagir e reagir à situações assim, a maior parte do humor é alcançada a partir de uma personagem bem construída e carismática, que nesse caso é a mãe, Dona Hermínia, que traz consigo outro modelo de humor muito forte no Brasil, que são os bordões e o tom de voz caricato utilizados pela mesma - técnica muito usada em outros modos de comédia brasileira, quase que teatral, trazida em outras obras famosas como “O Auto da Compadecida (2000)” e o programa de televisão “Zorra Total (1999)”.

A construção dos personagens no humor brasileiro

Uma característica muito forte na comédia brasileira é o “deboche”, ou a ironia, e isso está completamente de acordo com a nossa cultura, já que é muito comum no Brasil utilizarmos do humor quando se trata da nossa realidade e dos problemas enfrentados diariamente pelo brasileiro comum. Por isso é usual vermos personagens que dão vida a esse sentimento e, como em boa parte dos produtos de comédia, podem lidar de maneiras inadequadas, tentando usar de métodos não convencionais e, muitas vezes, até imorais, deixando as histórias mais dinâmicas e engraçadas. Esse estilo de personagem é um dos estereótipos na comédia brasileira e podemos chamá-lo de “o

malandro desajeitado”: um personagem que sempre recorre à malandragem e desonestidade para resolver os problemas propostos pela trama, mas sempre perde o controle da situação e sai perdendo. Como já foi apontado por Tiago da Silva Xavier Filho em citação feita anteriormente de sua monografia de 2013, personagens passando por situações humilhantes e que nos permitem “zombar” deles, é um modo de comédia muito eficiente.

Outros estereótipos famosos de personagens na comédia brasileira são os que pegam “personalidades comuns” da nossa cultura e as representam de maneira caricata. Um exemplo disso que já foi bem comentado neste artigo é a figura da “mãe”. Além disso, também temos exemplos muito repetidos, como por exemplo, o personagem classe média que se considera rico, como o “Caco Antibes” do programa Sai de Baixo, ou o político corrupto, muito representado em programas de esquetes, além de muitos outros. Em todos esses padrões de personagens que criam esses estereótipos, existe um tom de deboche saudável em relação à ideia que eles representam, pois quando representam às pessoas comuns, existe também, além da identificação, um certo tom de homenagem, ao contrário de como quando se caçoa de uma figura da elite ou um político, pois nesses casos o que prevalece é a ironia.

As sátiras que, historicamente são quase um gênero à parte, cabem perfeitamente no amplo universo da comédia. Sua principal marca é a crítica mordaz, engajada, que aborda quase que necessariamente uma temática política ou do universo macro financeiro. Isso é o que fez, por exemplo, Jacques Tati (Jacques Tatyscheff, filho de russos, nascido em Paris em 1908) em “Meu Tio” (1958), denunciando a insensibilidade da vida nos grandes centros urbanos (FREITAS, 2004, p.4).

A citação acima se encaixa perfeitamente nessa ideia de ironizar ou satirizar representando uma personagem a qual a obra tem críticas a fazer, como é o caso de produtos de comédia que representam figuras políticas, sempre desonestos e falsos. Algo comum quando se trata dos personagens de produtos de comédia brasileiros é o fato de serem completamente fora do politicamente correto, até mesmo para as épocas em que foram criados. A maioria desses personagens são extremamente carismáticos e aclamados pelo público, mas algo muito interessante de perceber é que os roteiristas dessas histórias não têm o menor medo de dar defeitos enormes a esses personagens. Nos filmes analisados neste artigo temos alguns exemplos, como os protagonistas Vani e Rui de Os Normais, que durante o filme provam ser pessoas completamente

desequilibradas e fazem coisas completamente imorais e algumas possivelmente ilegais nessa história. Além disso, temos a Dona Hermínia em *Minha Mãe é Uma Peça*, que durante todo o filme nunca deixa de fazer comentários insensíveis sobre as pessoas do seu entorno.

Todas essas características, além de muito interessantes, tornam os personagens únicos e memoráveis, singularizando-os, rendendo cenas engraçadas que circulam até os dias de hoje pela internet.

Considerações finais

Todas as características que foram observadas - levando em consideração os filmes escolhidos e muitos outros produtos que seguem um estilo de humor semelhante - tornam a comédia brasileira única e expressiva, visto que possuem relação com questões culturais e tendo em vista que essas singularidades são baseadas em ideias que são bem recebidas pelo grande público brasileiro. Essas diferenças e particularidades em relação ao humor do Brasil, além de funcionar bem, são importantes para que, ao assistir um produto desse gênero, não estejamos apenas vendo um produto igual aos estrangeiros mas com atores e atrizes brasileiros.

Tendo isso em vista, mesmo que os filmes e séries de comédia brasileiros sofram um certo preconceito por serem considerados inadequados por alguns e intelectualmente “inferiores” por outros, é importante perceber que assim como tudo que é produzido no país, esse gênero é relevante e diz muito a respeito da nossa cultura, por isso merece ser estudado e analisado, para que possamos entender o que funciona e o que já ficou ultrapassado e, assim, nossos produtos continuarem a evoluir em qualidade, mas acima de tudo, cumprindo o objetivo proposto.

REFERÊNCIAS

43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 2020, Salvador. ALVIM, Luíza Beatriz. Quem tem medo de análise fílmica? Atividade antiga com (não tão) novos objetos. São Paulo: Intercom, 2020. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2020>. Acesso em: 10 de agosto de 2022.

ALBECHE, Daysi Lange. O sitcom *A grande família* - mediatização da quotidianidade através do humor. Unisinos, [S. l.], p. 1-2, 2004.

ALMEIDA, Saionara Vitória de; QUADRADO, Raquel Pereira. Claquete: cena da família contemporânea apresentada nos filmes “Minha mãe é uma peça” e “Minha mãe é uma peça 2”. RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [S. l.], 4 fev. 2018.

FILHO, Tiago da Silva Xavier. A Construção do Humor em Os Normais. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) - Instituto Superior Anísio Teixeira – ISAT, [S. l.], 2013.

FREITAS, M. de A. “Entre estereótipos, Transgressões E Lugares Comuns: Notas Sobre a Pornochanchada No Cinema Brasileiro”. Intexto, nº 10, abril de 2008, p. 65-91, <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/3639>.

MORAES, Lidianne Porto. NEOCHANCHADA –A COMÉDIA QUE FAZ O BRASILEIRO SORRIR. Revista Livre de Cinema, [S. l.], p. 3-18, 1 maio 2017.

PIRES, Maria da Conceição Francisca. Derrisão e ironia cínica no humor contemporâneo: os limites entre o politicamente incorreto e o incorretamente político. História (São Paulo) [online]. 2014, v. 33, n. 2 [Acessado 9 Agosto 2022] , pp. 470-488. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-436920140002000022>>. ISSN 1980-4369. <https://doi.org/10.1590/1980-436920140002000022>.

VASCONCELOS, Anna Beatriz Lisbôa de. Comédia no Cinema Brasileiro: O Gênero na Cultura Globalizada. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social) - Universidade de Brasília, [S. l.], 2012.